

**Lâmina Nova**  
**na**  
**Carne Podre**



**Lâmina Nova**  
**Na**  
**Carne Podre**

**Stênio Benitz**

Edição I



**2019**



Quando os que devem proteger perecem, já não há salvação.



## Prólogo

Era uma noite nitidamente quente naqueles idos meses de verão do ano de 1936. A temperatura crucciante contribuía para a difusão do forte odor que exalava da lama do manguezal, característico quando exposta com a baixa maré e com a exposição dos resíduos orgânicos provenientes do lixo. Para muitos, tal fedor faria regurgitar o próprio estômago, no entanto, não era empecilho para quem nasceu e cresceu a vida toda às margens de tudo.

Aquele lugar era conhecido como a Zona da Lama. Ficava depois do Cabo Sul, extremo sul da cidade de Santa Helena, na margem oposta do Rio Turvo. Era o lugar onde as barcaças desembarcavam todo o lixo proveniente da cidade. Naqueles anos, por causa da crise econômica que assolava todo o mundo, o lixo era uma dádiva provinda dos ricos capitalistas para os tantos desafortunados. Desafortunado era eufemismo em relação às pessoas que habitavam aquele lugar. Qualquer pessoa na mais extrema pobreza tinha mais dignidade do que quem vivia ali. Lá se desenvolveu, entre as montanhas de lixo e a foz do poluído rio, uma comunidade pobre de negros que habitava precários barracos de madeira erguidos sobre palafitas.

Era uma comunidade onde muitos nem sequer tinham o mais básico dos direitos, que era ter um nome. Muitos cães de rua tinham uma denominação para que pudessem ser chamados, alguns homens dali, não. Quiçá seus antepassados que foram laçados como animais na sua terra natal, depois fustigados, agrilhoados, e que deixaram as tiras de suas costas para construir aquela nação, tivesse mais recato.

Todavia, em qualquer lugar onde haja homens haverá sempre subjugação, terror e morte. Não importa a cor de sua pele, sua condição social, financeira ou cultural, sempre haverá um motivo para a famosa máxima de causa e efeito, usada por muitos para justificar a intolerância e a prática dos mais terríveis crimes. Naquele lugar não seria diferente.

O negrume da noite e o silêncio da madrugada conspiravam com uma franzina silhueta que progredia por entre as arestas imperfeitas dos barracos de madeira. Focado num objetivo há muito planejado, o vulto tinha como meta o último tugúrio ao final do trapiche.

A figura esguia, nitidamente de um garoto, sem se importar com tais estorvos, chegou ao final do seu destino. Afastando duas tábuas da parede, entrou sem dificuldade no humilde cômodo. Alheio, o ocupante, outro menino em também idade púbere, conhecido como Arnold, dormia profundamente.

O invasor se aproximou do habitante que dormia sobre uma velha esteira. Receoso e em silêncio, cutucou o seu ombro. Seu intuito era tão somente se certificar de que o jovem Arnold estava num sono profundo, já que constantemente dormia embriagado, ou quando não, entorpecido. Como Arnold não reagiu, o jovem então mais tranquilo, bateu o chão e encontrando um naco de vela, riscou um palito de fósforo. Com a fraca chama acesa ele se aproximou do rosto de Arnold, este subitamente abriu os olhos e passou o dorso da mão no lugar onde a queimadura o atingiu, mas permaneceu desacordado.

Vendo a frágil condição do Arnold, diferente daquele encenqueiro que já tinha abusado da maioria dos meninos do lugar, o assaltante pegou calmamente uma navalha que trouxe consigo. Então ensaiou um corte na jugular do inerte Arnold. Certificado de seu objetivo, ele golpeou a traqueia do jovem e, na medida em que o corte se expandia, o sangue esguichava como uma ducha. A mente da vítima, então, reagiu ao sentir o corpo sufocando pelo sangue que invadia suas vias aéreas. Ele arregalou os olhos fitando, pela última vez, seu algoz mirim. Não havia mais vigor para gritar ou delatar o nome do assassino, nem o de ninguém.

O corpo de Arnold padecia de espasmos como um animal estrebuchando depois de ser talhado para uma expiação. Seu sangue escoava como uma cachoeira pelo assoalho. Seu volume era tão intenso que escapava pelas espessas frestas das tábuas findando lá embaixo, no tijuco preto do mangue, enquanto o assassino observava friamente o jovem agonizar até finalmente cessar sem vida.

Então, com a mesma lâmina, o garoto partiu para o desfecho de sua ação assassina. De cócoras ao lado do corpo, ele pegou uma das mãos da vítima e tentou decepá-la, mas não conseguiu, uma vez que, sem conhecimento de anatomia, a direção do corte esbarrou nos resistentes ossos do braço. O homicida parou e pensou um pouco. Em seguida, decepou na direção da munheca, obtendo assim, êxito.

A morte do jovem encenqueiro tinha justificativa, era uma vingança pessoal. Além disso, em sua medíocre concepção, terminara por fazer uma coisa boa, livrando a todos de uma pessoa cruel e violenta. Porém, só a morte pura e simples não era suficiente para findar o objetivo do pequeno matador. O ritual de mutilação do corpo mostrava que o assassino tinha uma frieza desprovida de remorso, bem como um instinto próprio de aniquilador, demonstrando ser bem mais nocivo que sua vítima.

Subitamente, o assassino franzino parou por alguns instantes, como quem reflete sobre sua ação, e então deu prosseguimento ao seu macabro ritual. Como quem guarda um troféu, o matador depositou as mãos do morto dentro de uma sacola de juta e se levantando saiu do casebre do mesmo jeito que entrou, deixando para trás o cadáver do adolescente Arnold.

Levando seu macabro prêmio, o assassino prosseguiu por sobre o trapiche, invisível como uma sombra na escuridão, até chegar a uma rudimentar escada de tábuas onde, descendo uns degraus, parou próximo a uma pequena canoa. Entrou com destreza, assim como manuseou os remos, revelando ser ele um morador ribeirinho. Os moradores, tanto da Zona da Lama quanto do Extremo Sul, tinham habilidades com estas embarcações, uma vez que era o único meio de atravessarem o rio. Diziam que ali se aprendia a remar mesmo antes de aprender a andar.

O pequeno matador seguiu em direção contrária à foz do Turvo. Depois de remar por um bom tempo, sempre próximo à margem para evitar a resistência da correnteza, chegou a um descampado na beira do rio. Ali imperava um solitário cipreste. Ele desembarcou, tendo apenas o reflexo do clarão da cidade de Santa Helena na margem contrária como guia. De posse de um instrumento, análogo a uma cavadeira, que já estava dentro da canoa, ele, depois de prender o bote, se dirigiu ao pé da árvore. Procurou visualizar na escuridão um espaço entre as raízes e ali cavou fundo.

Depois com um cuidado devoto, ele abriu o saco de juta e observou os membros, como se certificasse que realmente estavam ali. Fechou novamente a sacola de estopa e a depositou no fundo do buraco. Logo após, cobriu completamente a cova com terra, tomando o cuidado de não deixar vestígios de que algo havia sido enterrado ali. Feito isso, voltou ao bote e saiu navegando novamente em direção à foz do rio. Pouco a pouco foi sumindo na escuridão, deixando para trás seu medonho ritual enterrado aos pés da majestosa árvore.



## Capítulo 1

Centro da cidade de Santa Helena, 1949. Em uma das mais importantes avenidas da cidade, o vapor proveniente das gretas das tampas dos dutos subterrâneos por conta da calefação, característico naquelas noites frias, fazia esvoaçar a longa saia de uma jovem apressada. Isso, porém, não a expunha ao frio, tão pouco exibia suas roupas inferiores, devido ao longo casaco boca de sino que a tudo cobria. Porquanto, era o que menos interessava a Lauren Brum naquele momento, já que estava concentrada demais segurando seu chapéu Pillbox.

Estava frustrada por ter de voltar da casa de Melanie, uma velha e confidente amiga que morava mais ao norte. Lauren tinha ido passar a noite com ela, como fazia esporadicamente, entretanto, desta vez teve que voltar para casa, mesmo após a insistência de Mel para que ficasse. O motivo de sua zanga foi que o namorado de Mel tinha chegado inesperadamente de viagem. Por ser pequeno o apartamento, não queria atrapalhar a privacidade do casal. Assim, Lauren resolveu deixá-los à vontade.

Ela bem que poderia ter voltado de metrô, mas resolver andar, apesar da considerável distância e da adiantada hora da noite.

O movimento esporádico de veículos na ampla e iluminada avenida, alguns transeuntes e os estabelecimentos comerciais noturnos, davam-lhe uma falsa sensação de segurança. Em certos segmentos do seu percurso, a guarda policial ostensiva fazia sua parte, entretanto, o caminho era longo e na proporção em que avançava mais para o sul a insegurança crescia, ao ponto de se tornar ameaçadora. A prudência lhe incentivava a apressar ainda mais seus passos.

Já no trecho final, a poucos metros de sua residência, ao cruzar um beco, o repique ritmado dos seus sapatos sobre a calçada solidificada bruscamente cessou. Diferente do cheiro dos demais becos, uma fragrância agradável incomum invadiu suas narinas e a inebriou a induzindo a inclinar a cabeça com curiosidade para a escuridão. Era com se uma presença oculta no negrume chamasse inconscientemente sua atenção. Parada, mesmo com o som dos papéis se digladiando ao sabor do vento contra as paredes e as caçambas de lixo, ouviu um murmúrio jovial clamar:

— Ajude-me!

Irresponsáveis, os passos de Lauren abdicaram à intensa iluminação da avenida e seguiram para o tenebroso breu do beco. Andando com leveza, Brum foi se desviando das latas e caçambas de lixo com cautela, desvencilhando-se também das folhas de papel as quais, agitadas pelo vento, tentavam açoitar sua face.

Um anormal impulso, quase materno, atraía-lhe na medida em que adentrava ao breu. Já no meio do trajeto, a jovem olhou e nitidamente viu dois olhos cintilantes como estrelas. Olhos inebriantes, de cor intensa e brilho lacrimoso brotaram em um rosto alvo e angelical. Era como se um filete de luz iluminasse apenas seu semblante. Sem perceber Lauren estava ao lado do jovem deitado ao chão como se estivesse ferido. Ela, compadecida, se aproximou e se abaixou para de alguma forma ajudar aquela afeiçoada criatura.

Quando tocou a mão do moço, ela sentiu com mais intensidade o aroma agradável e embriagador que havia sentido antes ao cruzar o beco. Era uma percepção nunca experimentada por ela, um gozo sedutor, um êxtase arrebatador. Portanto, não tendo como resistir, subitamente desmaiou.

No entanto, o êxtase era só a primeira parte de algo perverso. Logo, tendo alcançado seu intento, as meigas gemas doravante passaram de sorumbáticas para insidiosas. Tal deslumbre nada mais era do que uma terrível armadilha arquitetada por um predador para pegar uma indefesa presa. Agora ele estava no controle.

A lipotimia não fez um efeito duradouro e, retornando a si, a jovem percebeu que aquele rapaz com rosto delicado e perdido havia cedido lugar a um homem sinistro vestindo um longo sobretudo negro, que logo iria revelar sua verdadeira natureza. De posse de um pano embebido por alguma substância entorpecente, o homem agachando-se sufocou as ventas e a boca de Lauren, garantindo que ela permanecesse inerte, mas podendo ver e sentir o mundo em seu entorno. Isto fazia parte do método sistêmico do criminoso, garantir que a vítima assistisse, mesmo que brevemente, a sua própria morte.

Imóvel ao chão, Lauren sentiu um morno desconforto quando o dissimulado homem introduziu lentamente uma faca afiada no lado das costelas esquerdas da jovem. Na medida em que a faca entrava em seu corpo, ela sentia sua vitalidade sendo sugada. A moça ficava cada vez mais fraca, como se estivesse caindo num profundo e eterno sono. Ela não sentia mais dor, apenas a gélida presença da morte invadindo seu corpo até tomá-la por completo.

Com Lauren morta, o assassino ajeitou o corpo ao chão na posição supina. Então cortou suas vestes despindo-a por completo. Em seguida, analisou com a minúcia de um médico legista, todo o corpo, da cabeça até os pés. Dando prosseguimento ao seu ritual macabro, ele pegou uma espécie de bisturi de uma valise e começou a delinear lateralmente todo o cadáver da vítima. Depois, a partir do ponto em que havia enfiado a faca, começou a separar com a maestria de um cirurgião a pele do corpo, como quem esfolia um animal.

O maníaco retirou toda a parte da frente da pele da moça, do pescoço até próximo ao umbigo da vítima. Deu uma pequena pausa para enxugar o excesso de sangue e se preparava para continuar sua medonha tarefa, quando uma forte luz de lanterna interrompeu sua atenção.

— Polícia! Pare onde está! — era o agente de rua responsável pela patrulha daquela área, Benjamin Murdoch.

Murdoch percebendo a situação, soou seu apito, e logo após, fraseou para que o suspeito se rendesse e não apresentasse resistência. Entretanto, não intimidou o assassino que permaneceu em pé junto ao cadáver, com sua maleta à mão encarando a luz do policial.

O diabólico homem levou a mão à valise. Isto fez com que o velho agente, sentindo ameaça na ação do abordado, efetuasse um disparo que, mesmo a uma distância mediana, acertou o alvo na altura do ombro. Não obstante, o disparo não logrou êxito, apenas um instante de inércia do assassino que logo prosseguiu com seu intento em pegar alguma coisa na bolsa.

Por conseguinte, Benjamin efetuou mais tiros. Desta vez, os disparos foram na massa do alvo, bem na altura da caixa torácica do homem. O corpulento homem vestido de negro foi jogado para trás como uma besta abatida. Momento em que outro guarda da ronda noturna, ao ouvir o apito do

colega, apareceu para dar cobertura, porém, não havia mais necessidade. A conta do assassino estava encerrada.

— Vamos nos aproximar — disse Murdoch recarregando a munição do revólver.

Os dois policiais avançaram lentamente, observando a preservação do local. Os focos de suas lanternas se movimentavam nervosamente desnudando a escuridão até focarem ambos no deplorável cadáver esfolado. Bem próximo, o corpo morto do assassino.

— Pelos diabos! Olhe o estado desta pobre moça! — exclamou o colega que chegara depois.

— Coisa horrível, Xiaolu — respondeu Murdoch com pesar.

Filho de imigrantes chineses residente no Bairro oriental, Xiaolu sabia bem como morriam alguns dos seus pelas mãos da máfia. No entanto, era a primeira vez que ele se deparava com uma ocorrência tão macabra.

Até mesmo Murdoch, com seus dilatados anos de vida e as diversas ocorrências ao longo da carreira na qual presenciou momentos insanos e violentos, se perturbou.

— Não olhe para isso! Deixe que eu isole esta parte. Vá para fora e informe à Central sobre a ocorrência — determinou Murdoch.

O recruta, com alívio, obedeceu.

Minutos após, a Central de Polícia já estava ciente, assim como os primeiros curiosos e alguns repórteres começavam a abarrotar a boca do beco inquirindo os policiais sobre a ocorrência. Murdoch e Xiaolu não comentaram: limitaram-se a garantir a segurança do lugar, aguardando as primeiras providências.

Joe Durval, repórter de um dos jornais medianos da cidade, era o tipo do sujeito inconveniente que gostava de bombardear as pessoas com perguntas inapropriadas. Espremido entre os colegas, era o mais afoito.

— Ei, Murdoch! É o esfolador que está morto? Quem é a vítima dele, desta vez?

— Não sei de nada! Conhece as regras — disse o policial, enquanto continha o avanço do enxerido.

— Foi você quem atirou nele? Foi legítima defesa? — insistia Joe.

— É por isso que você ainda está no mesmo jornaleco há anos. Quando tem uma vítima, é por que foi em legítima defesa, de terceiros. Idiota! — esclareceu o velho agente finalizando entre os dentes.

Minutos depois os primeiros técnicos e oficiais da polícia chegaram ao local do crime que ficava ao final de um beco. Ele tinha uma extensão de 20 metros e seis de largura. Ficava entre dois edifícios altos, um com mais de 20 andares e outro com 15, este tinha apenas aberturas para ventilação e o outro de parede lisa. Os tijolos nus de um muro medindo seis metros de altura delimitava sua extremidade ao fundo. Já iluminado por faróis de emergência, eles começaram seus trabalhos.

A chefe da Divisão de Homicídios, Sheila Thompson e Paul Jacob seu colega, eram responsáveis por estes crimes. Ouvindo o relato dos dois policiais, bem como obtendo outras informações complementares dos peritos, eles começavam a fazer suas primeiras ideias.

— Finalmente pegamos este psicopata desgraçado! — disparou Paul Jacob com um ar de alívio e satisfação do dever cumprido.

— Não era assim que tinha de ser — disse a colega com o olhar focado no corpo do assassino.

A ventania que brincava no beco foi reduzida à característica brisa da madrugada. Uma lufada gélida golpeou o rosto de Sheila, levando as pontas do seu cachecol e as madeixas por fora do apertado chapéu clochê.

— Como assim, Sheila? Devia estar feliz, pegamos o esfolador responsável por estes crimes bárbaros — insistiu Jacob.

Sem considerar os comentários do parceiro, Sheila imaginava todas as fases do crime desde o momento em que Lauren entrou naquele beco. Ela analisava em volta, procurando entender como tudo tinha acontecido. Mesmo após a narrativa dos dois policiais, ela precisava ver em sua própria mente como aconteceu. Era o seu jeito de analisar e investigar.

A policial pensava, e, em silêncio, se deslocou pela cena do crime tentando ver sob uma ótica diferente como tudo ocorreu. Não havia sinais de luta na cena do crime, não havia nenhuma testemunha que tivesse visto algo diferente ou ouvido qualquer grito ou pedido de socorro nas imediações. Nem sequer alguém a viu entrar no beco.

Apesar da sua pouca experiência, a detetive Thompson e sua equipe, haviam esclarecido 60% dos casos em seus cinco anos de polícia. Era uma porcentagem razoável, considerando o tamanho da cidade e o alto índice de homicídios registrados. Sheila era determinada e logo passou a desvendar os casos mais desafiadores. Eram estes eventos mais complexos que garantiam a ela um contentamento ao final.

Sheila se agachou e analisou cuidadosamente a valise do assassino. Contudo, fora os instrumentos que eram usados para mutilar suas vítimas, não encontrou nada significativo. Havia, embora, algo que Sheila tinha percebido em todos os outros três locais de crimes daquela natureza, e que estava mais intenso naquele lugar.

— Paul, chegue aqui perto — pediu para que seu colega se abaixasse próximo a ela e ao corpo do matador. — Está sentindo este cheiro? Que cheiro é esse? — perguntou com a convicção de uma resposta positiva.

Paul Jacob forçou suas largas narinas.

— Sangue... lixo?

— Não. Não está sentindo um aroma suave e agradável? — insistiu a detetive.

Jacob se esforçou mais ainda se aproximando bem do corpo do esfolador.

— Ele não fede e nem cheira. Parece ter um odor comum — disse com certeza.

Sem comentar, Thompson vasculhou os bolsos do casaco do criminoso procurando alguma coisa. Tateou bem sem sucesso, e quando estava quase desistindo, suas mãos vestidas pelas luvas de borracha preta, toparam em pequenos cacos de vidros que estavam no bolso do colete do assassino e que teriam sido estilhaçados pelos tiros de Murdoch. Ela pegou um pedaço do vidro e aproximou das narinas.

Sua mente instantaneamente foi elevada em êxtase. Ele ameaçou desmaiar para o lado, mas foi amparada por Jacob que de imediato tangenciou o caco para longe dela. Sheila, voltando ao normal, descobriu como o assassino atraía suas vítimas.

— Você está bem?

— Sim, Paul. Obrigada — disse a jovem policial já de pé e recomposta.

Um repentino alvoroço dos repórteres chamou a atenção dos presentes, quando uma pessoa desceu de uma viatura descaracterizada que acabara de chegar. Era o comissário de polícia, Ludwig Newman.

Newman, ao desembarcar, deu um alívio aos amortecedores do veículo, considerando seu enorme corpo bem acima do peso. Com seus 60 anos já ostentando uma barba branca e bem aparada, ele colocou um chapéu na cabeça, e fechando o casaco para amenizar o frio, aproximou-se. Com uma aparência tranquila e um sorriso paterno se desvencilhou dos jornalistas que o bombardeavam com inúmeros fleches e perguntas. Na área isolada ele cumprimentava os subordinados enquanto exalava pela boca um vapor condensado por causa da baixa temperatura.

Sheila e Jacob faziam as últimas anotações.

— Parabéns, policiais! Finalmente a sociedade vai poder dormir mais tranquila depois da morte deste canalha — elogiou o comissário.

— Obrigado, chefe — adiantou-se Jacob, antes que Sheila dissesse alguma coisa.

— Eu não estou feliz, Newman, queria ter pegado ele vivo. Havia muita coisa para esclarecer — falou Sheila com desânimo.

— Talvez tenha sido melhor assim. O mundo com certeza vai ficar melhor sem esse maldito — incentivou o chefe. — E a vítima? Como a identificaram?

— Os documentos dela, bem como pertences pessoais, foram encontrados em sua bolsa próxima ao corpo — explicou Sheila.

— Bom, pelos menos desta vez temos uma vítima para entregar a família — diferente dos outros três corpos que nunca foram identificados — completou Newman.

Sheila, de certa forma, se sentia culpada por não ter podido evitar a morte da quarta vítima do esfolador. Apesar de ter chegado bem perto, uma vez que em suas investigações ela tinha pistas que talvez levasse a uma prisão, entretanto, a detetive não tinha formado um dossiê probante que garantisse uma condenação. Portanto, diferente do comissário e de boa parte da polícia, ela estava decepcionada.

— Vá para casa Sheila, tome um bom vinho e tire o dia de folga, você merece — incentivou o comissário.

— Preciso identificar o assassino. É possível que seja algum tipo de farmacêutico ou químico...

— Deixe isso por conta do serviço de identificação. Faça o que eu disse! — encerrou o chefe com uma ordem substituindo a sugestão.

Sheila não estava feliz, mas aquiesceu.

Na saída, ele atendeu brevemente aos repórteres. Era inevitável. Exaltou o trabalho da Chefa de Homicídios, bem como todos os envolvidos e tomou novamente a viatura, saindo em seguida. O dia já começava a raiar ofuscando os lampejos oriundos das luzes intermitentes das várias viaturas. Depois de recolherem o corpo de Laura Brum, se encerrava ali as tarefas dos diversos agentes envolvidos naquele caso. Sheila e Paul Jacob também deixaram o lugar, mesmo não sendo como ela queria, estava encerrado aquele caso.

